

A MINA DE CARVÃO DO CABO MONDEGO E A PALEONTOLOGIA PORTUGUESA

Pedro M. Callapez¹, J. Soares Pinto², Vanda F. Santos³ & José M. Brandão⁴

¹ CGUC, Departamento de Ciências da Terra, Universidade de Coimbra, 3000-272 Coimbra; callapez@dct.uc.pt

² Escola Secundária Bernardino Machado, Figueira da Foz

³ CGUC, Museu Nacional de História Natural e da Ciência, Lisboa

⁴ Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência, Universidade de Évora /Rede HetSci

Quase meio século passado sobre o seu encerramento, em 1967, a mina de carvão do Couto Mineiro do Cabo Mondego persiste na memória coletiva como uma das explorações que contribuíram, de forma mais determinada, para alimentar as necessidades em combustível de uma indústria emergente, num país carente de desenvolvimento fabril e pouco bafejado pelos recursos naturais a ele necessários.

Por ser uma das antigas explorações de "lenhite" cuja lavra se processou em estratos sedimentares do Jurássico superior, parte de uma sucessão que regista antigos ambientes e biocenoses costeiras e lagunares da Bacia Lusitânica, na mina do Cabo Mondego cedo se estabeleceu uma relação privilegiada com a Paleontologia. Para além da sua importância económica, as explorações desta natureza revestiam-se, quase sempre, de um interesse científico e colecionístico, facultando o acesso a espécimes que, de outra forma, permaneceriam incógnitos nas camadas de carvão. Em simultâneo, a necessidade de um conhecimento detalhado das jazidas, por forma ao estabelecimento de planos de lavra adequados, também propiciou a intensificação dos estudos de Estratigrafia e Paleontologia. Estes passaram, inevitavelmente, pela recolha e posterior incorporação de coleções de fósseis em museus, após caracterização taxonómica e biostratigráfica. Por fim, todo este universo potencia uma forte componente educativa, através da observação e/ou manuseamento *hands-on* de espécimes no campo, no museu, ou em ambiente de sala de aula.

Embora a sua aura científica não se equipare à da mina da Guimarães (Leiria), em que também se exploraram lignites jurássicas e, após o seu encerramento, se efetuaram recolhas exaustivas para o estudo de vertebrados fósseis, a mina do Cabo Mondego e os afloramentos das arribas com camadas de carvão são um expoente da Paleontologia portuguesa, sede de incontáveis visitas científicas e escolares e fonte de coleções conservadas nos museus geológicos nacionais. Do seu historial constam estudos pioneiros levados a cabo por Carlos Ribeiro (1858), bivalves unionídeos relatados por Paul Choffat (1886), pegadas de dinossáurios descritas por Jacinto Pedro Gomes (1915-16) e por Albert de Lapparent e Georges Zbyszewski (1957) e o peixe fóssil (*Propterus*) estudado por António Viana (1949). Sobressaem, também, como registos a preservar, a flora fóssil rica de cidadáceas (*Otozamites*) e numerosas espécies de corais, moluscos e equinídeos que registam a passagem, em contexto regressivo, de um paleoambiente marinho, tropical, para uma laguna de água-doce.

Neste contexto e ao escassearem os que podem relatar vivências diretas do interior das galerias, importaria que existisse maior envolvimento por parte das entidades que detêm o poder decisório, no sentido da conservação e possível reutilização museológica do que ainda subsiste de edificadros, documentação e outros acervos essenciais à preservação da memória desta peça essencial do património mineiro português. Para mágoa de muitos, entre eles antigos mineiros, geólogos, arqueólogos e historiadores, a névoa que persiste no Cabo Mondego antevê a repetição de erros do passado, análogos aos que já conduziram, em Portugal, à delapidação irreversível de muito património geomineiro e à obliteração de páginas relevantes da nossa história socioeconómica e industrial.

Palavras-chave: Mina de carvão; Cabo Mondego; Jurássico; coleções paleontológicas; património geomineiro.